

## **ENTRE LAÇOS, CACHOS E TRANÇAS: O EMPODERAMENTO DAS MENINAS NEGRAS ATRAVÉS DA LITERATURA**

Divanize Carbonieri <sup>1</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso

Sheila Dias da Silva Laverde <sup>2</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso

### **RESUMO**

Neste artigo reunimos quatro obras da literatura infanto-juvenil que têm em comum meninas negras, com cabelos crespos, como protagonistas. Essas meninas são conscientes e orgulhosas de sua cultura e de seu pertencimento. Nosso objetivo é demonstrar como as autoras dessas obras utilizam essas narrativas para promover e valorizar a cultura africana e afro-brasileira. Acreditamos que trabalhar com essas literaturas em sala de aula permite que as crianças tenham contato com literaturas desconhecidas ou marginalizadas pelos cânones oficializados. Possibilita ainda a construção afirmativa da identidade racial e a valorização da contribuição cultural africana e afrodescendente. Também reforça a beleza negra, uma vez que tais textos discutem não só aspectos culturais e históricos brasileiros e africanos, mas também tratam de questões ligadas à imagem e à autoestima, que são muito comuns ao cotidiano de crianças negras, o que possibilita uma visão crítica a respeito da diversidade cultural e racial de nosso contexto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cabelos. Empoderamento. Literatura Infantil. Educação Básica.

## **AMONG LACES, CURLS AND BRAIDS: THE EMPOWERMENT OF BLACK GIRLS THROUGH LITERATURE**

---

<sup>1</sup> É professora-adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso, lecionando na área de literaturas de língua inglesa. É professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da mesma universidade. Doutora em Letras pelo Programa de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, da Universidade Federal de Mato Grosso, na Área de Concentração em Estudos Literários. Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Literaturas Africanas e Afrodescendentes de Língua Inglesa na Diáspora (LAALID), coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Divanize Carbonieri.

## ABSTRACT

This article features four works of children's literature that have in common black girls, with curly hair, as protagonists. Those girls are aware and proud of their culture and their belonging. The goal here is to demonstrate how the authors of these works use their narratives to promote and value African and Afro-Brazilian culture and how they try to nullify the stereotypes created by Eurocentric writers. Working with those literatures in the classroom allows children to be in contact with literatures unknown or marginalized by the official canons. It also enables the affirmative construction of racial identity and the appreciation of the African and Afro-descendant cultural contribution. It also reinforces black beauty, since such texts discuss not only Brazilian and African cultural and historical aspects, but also deal with issues related to image and Self-esteem, which are very common to the daily lives of black children, which provides a critical view of the cultural and racial diversity of our context.

**KEYWORDS:** Hair. Empowerment. Children's literature. Basic education.

## ENTRE LAZOS, RIZOS Y TRENZAS: EL EMPODERAMIENTO DE LAS NIÑAS NEGRAS A TRAVÉS DE LA LITERATURA

### RESUMEN

En este artículo reunimos cuatro obras de la literatura infanto-juvenil que tienen en común niñas negras, con cabellos rizados, como protagonistas. Estas niñas son conscientes y orgullosas de su cultura y de su pertenencia. Nuestro objetivo es demostrar cómo los autores de esas obras utilizan esas narrativas para promover y valorizar la cultura africana y afro-brasileña. Creemos que trabajar con esas literaturas en el aula permite que los niños tengan contacto con literaturas desconocidas o marginadas por los cánones oficializados. Posibilita además la construcción afirmativa de la identidad racial y la valoración de la contribución cultural africana y afrodescendiente. También refuerza la belleza negra, ya que tales textos discuten no sólo aspectos culturales e históricos brasileños y africanos, sino que también tratan de cuestiones ligadas a la imagen y a la autoestima, que son muy comunes al cotidiano de niños negros, lo que posibilita una visión crítica sobre la diversidad cultural y racial de nuestro contexto.

**PALABRAS CLAVE:** Cabellos. Empoderamiento. Literatura infantil. Educación básica.

### Introdução

Através da sanção da Lei nº 10.639/03 e sua regulamentação pelo parecer CNE/CP 03/2004 e pela resolução CNE/CP 01/2004 (BRASIL, 2005), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) foi alterada, tornando obrigatório o ensino de

História da África e da Cultura Afro-brasileira nas escolas públicas e particulares de todo o país<sup>3</sup>.

Para a pesquisadora Nilma Lino Gomes (2010), essa lei é uma resposta do Estado às demandas sociais em prol de uma educação democrática, que vislumbra no direito à diversidade étnico-racial um dos pilares pedagógicos do país: “[s]ão políticas de ação afirmativa voltadas para a valorização da identidade, da memória e da cultura negra reivindicadas pelo Movimento Negro e demais movimentos sociais”(GOMES, 2010, p. 8).

Eliane Debus (2017) constata que “as políticas de reparações a partir das ações afirmativas são necessárias em nossa sociedade, porém, a inclusão da temática africana e afro-brasileira no currículo escolar não visa contemplar somente a população negra” (DEBUS, 2017, p. 38). Como também assevera o ator Lázaro Ramos (2017), a questão racial não é uma questão dos negros, mas “de qualquer cidadão brasileiro, ela diz respeito ao país, é uma questão nacional. Para crescer, o Brasil precisa potencializar seus talentos, e o preconceito é um forte empecilho para que isso aconteça” (RAMOS, 2017, pp. 12-13).

Assim, para cumprir as exigências que tangem a Lei 10.639/03, multiplica-se a publicação de livros voltados para as questões étnico-raciais. Debus (2017) atesta que, na história da literatura brasileira, ou mesmo na literatura infantil ou juvenil, o negro foi pouco representado e geralmente era visto como ser escravizado, subalterno e “obediente aos desmandos do branco, ou numa visão ingênua de relações pós-escravidão” (DEBUS, 2017 p. 39). Portanto, o crescimento das publicações de narrativas que apresentam personagens negros e negras é, para Debus, o eco das margens, das lutas do Movimento Negro, que, nos últimos anos, acentuou “a discussão

---

<sup>3</sup>Alterada pela Lei nº 11.645/08, com vistas a contemplar no currículo escolar conteúdos referentes também aos indígenas brasileiros. Essa alteração não anulou a lei anterior, mas cumpre o papel de ampliar aos indígenas os direitos conquistados pelo Movimento Negro que já se encontravam garantidos na LDB atual.

sobre a inclusão da temática da discriminação e preconceito racial em especial no espaço escolar” (DEBUS, 2017, p. 37).

Para este artigo, escolhemos quatro obras que trazem meninas negras como personagens principais. Poderíamos até dizer que um dos temas recorrentes nessas narrativas é a cor da pele e os cabelos cacheados, mas sabemos que há muito mais. Por trás dessas narrativas, existe toda uma história de luta de um povo, o povo africano e afrodescendente. Há uma necessidade de contar suas histórias e de se ver representado. Acreditamos, então, que essas obras literárias afro-brasileiras possam ser utilizadas como proposta didática que permita a construção afirmativa da identidade racial e a valorização da contribuição cultural africana e afrodescendente, uma vez que discutem aspectos culturais e históricos do continente africano e do Brasil, fomentando o pensamento crítico sobre a diversidade das culturas e realidades sociais que permeiam nosso cotidiano.

### **A necessidade de uma literatura infantil não hegemônica**

Antonio Candido (2004) enfatiza que a literatura é “uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (CANDIDO, 2004, p. 176). Essa necessidade universal, como reverbera Candido, “deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza” (CANDIDO, 2004, p. 176).

Candido ainda discorre que é impossível que o ser humano possa viver sem a literatura, pois ela satisfaz nossas necessidades básicas, sobretudo porque enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Zilberman e Silva (1990) reiteram que a literatura provoca no leitor um duplo efeito, pois, além de acionar sua fantasia, coloca frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior, o que suscita no leitor também um posicionamento intelectual, “uma vez que o mundo representado no texto,

mesmo afastado no tempo, ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê (ZILBERMAN; SILVA, 1990, p. 19).

Se ler o outro e sobre o outro tem importância fundamental na formação leitora do indivíduo, o contato com textos literários que apresentam personagens em diferentes contextos, a existência de escritores oriundos de diferentes contextos permite uma visão ampliada de mundo (DEBUS, 2017, pp. 22-23)

Essa ampliação da visão de mundo pode se dar através do acesso às literaturas infantis de temática africana e/ou afro-brasileira, por exemplo. Sabemos que a criança, desde a mais tenra idade, já está em contato com obras literárias clássicas, cujos personagens são sempre princesas e príncipes com características europeias. Mas, quando os pequenos têm contato com outras obras, cujos personagens fogem ao padrão que se encontra cristalizado por nossa sociedade, eles passam por um processo de desconstrução, pois começam a questionar muitas vezes a veracidade dos valores negativos atribuídos às pessoas negras.

Portanto, se quisermos desconstruir a imagem estereotipada de que o negro é feio e preguiçoso, de que sua cultura é inferior, nós, enquanto professores, profissionais da educação básica, temos que estar conscientes de que nossas crianças têm o direito a uma educação que priorize e valorize as diferenças. Precisamos repensar nossas estratégias e rever nossos conceitos de forma a promover uma ruptura no discurso padrão e proporcionar uma verdadeira educação que inclua a todos. A criança precisa estar inserida num mundo sociocultural que lhe permita perceber e vivenciar a diversidade.

Assim, a literatura infantil pode ser uma grande aliada do professor(a) em sala de aula, pois, através das narrativas, dos temas tratados, é possível que as crianças se reconheçam e se sintam representadas por meio das personagens. No entanto, é preciso observar que tipo de obras literárias estamos evidenciando aos nossos alunos, pois, como relata Chimamanda Ngozi Adichie (2009), as histórias podem influenciar, principalmente quando se é criança.

Adichie declara que, durante boa parte de sua infância, sua leitura se restringia a livros britânicos e americanos e que, quando começou a escrever e a ilustrar com giz de cera, as personagens representadas em seus desenhos e histórias, eram exatamente semelhantes às aquelas observadas nas imagens dos livros que lia: pessoas brancas de olhos azuis que comiam maçãs, conversavam sobre o tempo e bebiam cerveja de gengibre. A realidade na Nigéria era muito diferente, não havia neve, a fruta típica era a manga, “nunca falávamos sobre o tempo porque não era necessário” (ADICHIE, 2009 s/n, tradução nossa).

Ela acreditava que os livros, por sua própria natureza, deveriam ter personagens estrangeiras e tratar de assuntos com os quais ela não se identificava. No entanto, quando conheceu as obras literárias de Chinua Achebe e Camara Laye<sup>4</sup> é que Adichie percebeu que meninas negras, como ela, também podiam existir na literatura e mudou sua concepção.

Eu comecei a escrever sobre coisas que eu reconhecia. Bem, eu amava aqueles livros americanos e britânicos que eu lia. Eles mexiam com a minha imaginação, me abriam novos mundos. Mas a consequência inesperada foi que eu não sabia que pessoas como eu podiam existir na literatura. Então o que a descoberta dos escritores africanos fez por mim foi: **salvou-me de ter uma única história sobre o que os livros são** (ADICHIE, 2009, tradução nossa, grifo nosso).

Como bem expressou Adichie, foi o contato com as obras de escritores africanos que a salvaram de ter uma história única. Assim, como ela, muitas crianças, brancas e negras, estiveram e ainda estão em contato com apenas um tipo de literatura e acabam reproduzindo aquilo que lhes é ensinado, como ocorreu com essa escritora. No entanto, depois de muitas lutas, hoje já podemos vislumbrar uma luz no fim do túnel, porque as crianças podem ter contato com as literaturas não canônicas, que trazem temáticas próximas de suas realidades.

---

<sup>4</sup> Esses autores africanos foram os primeiros a produzir narrativas literárias que retratavam os africanos como povos que possuem suas próprias tradições e cultura.

No Brasil, a produção literária, voltada para o público infantil e juvenil, cuja temática difere do cânone, ainda é novidade. Como vimos anteriormente, as publicações crescem com a publicação da Lei 10.639, em 2003. Mas conforme as pesquisas de Debus (2017), no que diz respeito à presença de personagens negros ou de elementos da cultura africana e afro-brasileira, essas narrativas vão surgir de forma lenta, a partir da década de 1980, no entanto, somente depois de 1996, com os Parâmetros Curriculares Nacionais, que o mercado editorial começa a se preocupar em cumprir a demanda apontada pelos Temas Transversais, que inicia a publicação de livros desse seguimento.

Debus (2017) ainda divide em três categorias os títulos que circulam no mercado editorial brasileiro atualmente: “literatura que tematiza a cultura africana e afro-brasileira, literatura afro-brasileira e literatura africana” (DEBUS, 2017 p. 26). Essas divisões propostas por Debus são importantes para esta pesquisa, porque é justamente o conceito que tal pesquisadora dá para cada uma dessas categorias que nos permite conceituar as obras que escolhemos para análise.

Na acepção de Debus (2017), a literatura que tematiza a cultura africana e afro-brasileira, apesar de tematizar essa cultura, não tem seu foco naquele que escreve, mas sim na temática, o que difere da literatura afro-brasileira, aquela escrita por escritores afro-brasileiros, cuja produção literária é o sujeito negro e o objeto da escrita é o próprio negro, ou seja, como o termo cunhado pela escritora Conceição Evaristo, “escrevivência”, ou seja, “uma atitude – e uma prática – que coloca a experiência como motivo e motor da produção literária” (DUARTE, 2014)

Na terceira divisão proposta por Debus (2017), encontramos a literatura africana, com autores africanos, que se subdivide em outras categorias, como literaturas africanas de diferentes línguas e literatura africana de língua portuguesa.

Para esta análise, como dito anteriormente, trazemos quatro obras, mas duas delas não podem ser consideradas integrantes da literatura afro-brasileira, como é o caso de *A menina bonita do laço de fita* (1996 [2015]), de Ana Maria Machado, e de *O cabelo de Lelé* (2007), de Valéria Belém, pois ambas foram escritas por autoras não

negras. Portanto, as denominamos de obras de *temática* afro-brasileira. Já em *Cabelo Ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar* (2012), de Neusa Baptista Pinto, e *Betina* (2009), de Nilma Lino Gomes, a questão da autoria e subjetividade negra se mantém, permitindo que as obras sejam entendidas como pertencentes à literatura afro-brasileira. No entanto, tanto as duas primeiras quanto as duas últimas representam o negro como protagonista de maneira não estereotipada ou superficial, como poderemos observar a seguir.

### **“Cabelo enrolado, herança trocada no ventre da raça”**

*Menina bonita do laço de fita* (1996 [2015]) de Ana Maria Machado foi uma das primeiras obras infantis publicadas no Brasil com a personagem principal sendo uma criança negra com cabelos crespos. A primeira versão foi publicada em 1996, e o livro já está em sua nona edição. É uma das histórias mais contadas nas salas de aula da educação básica do país. Esse conto se tornou um dos clássicos da literatura infantil brasileira. Utilizaremos para essa análise a nona edição, de 2015.

Essa menina, cujo nome não é conhecido pelo leitor, divide o espaço da trama com um Coelho Branco que se encanta por sua cor e que sonha ter uma filha pretinha como ela. Machado descreve a protagonista, comparando-a a elementos de cor preta: “[o]s olhos dela pareciam com duas azeitonas pretas, bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera-negra quando pula na chuva.” (MACHADO, 1996 [2015], p. 3) Acreditamos que ela utiliza esses atributos com o intuito de reforçar e valorizar a beleza negra, numa tentativa de subverter os padrões hegemônicos preestabelecidos, em que a cor negra tem sido usada de forma negativa, associada à maldade, à sujeira e às coisas tristes e feias.

A mãe da menina bonita sempre fazia tranças em seus cabelos e a enfeitava com laços de fita colorida e “ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma



fada do Reino do Luar” (MACHADO, 1996 [2015], p. 4). De forma sutil, mas intencionada, Machado deixa claro que uma criança negra também pode ser uma princesa ou mesmo uma fada, contrariando os modelos representados nas narrativas infantis tradicionais, nos quais, de acordo com as teóricas acima citadas, isso não acontecia.

Em vários momentos, o coelho interroga a menina, com a clássica pergunta “[m]enina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?” (MACHADO, 1996 [2015], p. 9). Na concepção do coelho, a menina era a pessoa mais linda que ele havia visto em toda a sua vida. Sonhava em ter uma filha pretinha como ela. No entanto, como a criança não sabia o porquê da cor de sua pele, ela inventava. Certa vez disse que tomou um banho de tinta preta e ficou assim, outra, que tomou muito café ou ainda que comeu muita jabuticaba. Tudo isso o coelho fez na tentativa de se tornar pretinho, mas obviamente não atingiu seu intento e sofreu os efeitos de suas tentativas. Na primeira, a chuva veio e ele voltou a ser branco; na segunda, passou a noite toda sem dormir e a fazer xixi; na última, ele comeu tantas jabuticabas que seu dejetos saiu “preto e redondo feito jabuticaba”. (MACHADO, 1996 [2015], p. 13). Essas tentativas frustradas do coelho é que dão um caráter cômico à obra de Machado.

Nessa narrativa, encontramos um animal que fala, o que não foge à regra dos contos clássicos, mas o que dá o tom diferenciado dessa obra é, em primeiro lugar, o fato de a menina ser completamente fora do padrão de beleza propagado nos contos tradicionais. O Coelho, por sua vez, parece representar, pelo menos a princípio, o personagem que não se aceita, pois em vários momentos ele se sujeita a fazer tudo o que a Menina lhe diz para ficar com a mesma cor dela, até o momento em que percebe que isso não vai acontecer. Na verdade, a criança não sabia a verdade, ou seja, o porquê de ser tão pretinha, tendo em vista que sua mãe tinha a pele mais clara que a dela. Sempre dava uma resposta inventada, até o dia em que a mãe resolve interferir e lhe mostrar fotos da avó: “[a]rtes de uma avó preta que ela tinha...” (MACHADO, 1996 [2015], p.

15). Ao observarmos as ilustrações, passamos a crer que provavelmente o avô dela seria branco, o que explica o tom de pele mais claro da mãe da menina.

Então, o Coelho, “que era bobinho, mas nem tanto – viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos” (MACHADO, 1996 [2015], p. 16). Percebe que, somente se ele se casasse com uma coelha pretinha, poderia ter filhos com a cor da menina que tanto admirava, e é o que acontece. Ele se apaixona por uma linda coelha preta, eles “foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhote não para mais” (MACHADO, 1996 [2015], p. 20). O casal teve filhotes de todas as cores, “branco bem branco, branco meio cinza, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha, afilhada da tal menina bonita que morava na casa ao lado” (MACHADO, 1996 [2015], p. 21).

Assim, notamos que, através do conto de Machado, é possível promover algumas reflexões a respeito da mistura racial que configura a maioria da população brasileira, enfatizando o quanto esse aspecto híbrido pode ser interessante. Além disso, aproveitando que a obra explora o tema da valorização da beleza negra, pode-se trabalhar com as crianças de maneira lúdica, por meio de oficinas nas quais se possam trançar os cabelos das meninas e oferecer fitas de várias cores para que elas mesmas enfeitem os cabelos umas das outras, demonstrando na prática o que foi aprendido através do texto literário.

Em *O cabelo de Lelê* (2007), Valéria Belém nos conta a história de Letícia, uma menina negra que não gosta dos seus cabelos crespos. Logo no início, o leitor já fica sabendo que ela “não gosta do que vê” (BELÉM, 2007, p. 5), ou seja, não está feliz com seus cabelos, não gosta da imagem que vê refletida no espelho. As imagens que retratam o cabelo da menina chegam a tomar mais da metade das páginas do livro, em alguns momentos, os cabelos tomam até duas páginas, tamanho o enfoque que é dado a eles nessa obra.



“De onde vem tantos cachinhos?” (BELÉM, 2007, p. 5): esse é o questionamento de Lelê, que, inconformada com o próprio cabelo, “joga pra lá, puxa pra cá” (BELÉM, 2007, p. 7), o que demonstra a dificuldade que a menina encontra pra arrumar seus cabelos e também de aceitação. Chega a pensar que não existe uma solução para seu cabelo, “jeito não tem” (BELÉM, 2007, p. 7).

Ela vive à procura de respostas que esclareçam a origem do seu cabelo cacheado: “[f]uça aqui, fuça lá. Mexe e remexe até encontrar o tal livro, muito sabido!, que tudo aquilo pode explicar” (BELÉM, 2007, p. 13). E é através da leitura do livro que a menina tem o conhecimento de sua história, história esta que por muito tempo foi silenciada ou apagada.

Depois do Atlântico, a África chama  
E conta uma trama de sonhos e medos  
De guerras e vidas e mortes no enredo  
Também de amor no enrolado cabelo  
Puxado, armado, crescido, enfeitado  
Torcido, virado, batido, rodado  
São tantos cabelos, tão lindos, tão belos! (BELÉM, 2007, p. 14)

Lelê fica encantada com o que lê no sábio livro. Ela percebe que essa herança genética “trocada no ventre da raça” (BELÉM, 2007, p. 23) também é cultural e que, por trás de tudo, existe uma história de muita luta que liga o Brasil aos países africanos e que fica subentendida nas entrelinhas do texto narrativo. Belém não se utiliza de sua obra para fazer uma literatura panfletária ou como se estivesse explicando uma teoria. Ela o faz, através da ficção, com o intuito de trazer à tona problemas da vida real de muitas crianças negras, mas de forma fluida, límpida e não óbvia.

A menina “descobre a beleza de ser como é” (BELÉM, 2007, p. 23) e passa a se identificar com as imagens das outras crianças negras que vê, percebe as semelhanças que existem entre elas e se identifica. A partir daí, fica mais fácil a aceitação de seus cabelos. A menina compreende que



...em cada cachinho  
Existe um pedaço de sua história  
Que gira e roda no fuso da Terra  
De tantos cabelos que são a memória. (BELÉM, 2007 pp. 26-27)

De forma poética, Belém liga a descoberta da menina à história dos africanos e afrodescendentes. Lelê revisita essa história a partir do momento em que tem contato com os livros. Ela se identifica com o seu povo, com a sua ancestralidade, através dessas leituras, e passa a usar vários tipos de penteados afro-brasileiros. Assim, nessa metalinguagem, em que a autora usa a literatura dentro da literatura para problematizar a questão dos estereótipos e também reforçar a valorização da beleza negra, fica evidente o poder das histórias infantis para alcançar tal propósito.

Na obra *Cabelo Ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar* (2012), Neusa Baptista Pinto questiona se o cabelo crespo é mesmo ruim, algo que muitos dizem. No final da narrativa, a resposta vem através da fala das meninas: “[m]eu cabelo não é ruim, nem bom. Só é diferente” (PINTO, 2012, p. 34). A primeira versão dessa obra foi publicada em 2007. A que utilizaremos para essa análise é a 4ª edição (2012) e existe também uma revista em quadrinhos baseada na história das três meninas, cujo título é *Bia, Tatá, Ritinha em: Cabelo Ruim? Como Assim?* publicada em 2014.

Logo na apresentação da obra, a autora opina sobre o fato do cabelo crespo não estar dentro do padrão e que foi “por muito tempo classificado como ‘inadequado’ em favor do padrão de beleza geralmente branco ditado pela moda e perseguido principalmente pelas mulheres” (PINTO, 2012, p. 7). Pinto ainda reverbera que o fato de esse cabelo ser considerado feio não passa de uma “mentira que, de tanto ser repetida, se solidifica desde os primeiros anos da infância da maioria das crianças” (PINTO, 2012, p. 7). Mesmo assim, entendemos que ela vê com bons olhos “a recente onda de valorização da estética negra pelo mercado de cosméticos [e que] talvez tenha efeitos positivos” (PINTO, 2012, p. 7).

Desde o início da narrativa, percebemos que a narradora exerce um papel importante, pois é sob o olhar dela que conhecemos as meninas e suas histórias, mas fica claro que, em alguns momentos, ela entrelaça sua própria história com a das meninas. Pinto escreve de forma simples e clara, com o predomínio de uma linguagem mais coloquial, mais próxima da oralidade. Escreve como se estivesse sentada, diante de um público infantil, contando uma história. Acreditamos que essa estratégia utilizada pela narradora é uma forma de aproximar-se mais de seu público, além de resgatar a tradição oral que remete à ancestralidade do povo africano. E ela, como uma “menina negra” que é, compartilha conosco, seus leitores, esse processo de aprendizagem pelo qual tanto as personagens quanto ela própria passaram. Ela postula que aceitar os cabelos crespos “não é uma tarefa fácil, ainda mais para crianças. Por isso, elas continuam aprendendo até hoje, assim como eu” (PINTO, 2012, p. 7).

Na narrativa, as meninas não são muito parecidas. Bia é descrita como gordinha e muito vaidosa. Tatá é mais alta, tem a pele escura e é bem magra. Seu nome na verdade é Natália. Sempre usa o uniforme e se arruma somente para ir ao shopping. É a mais inteligente da turma. Tem uma família grande. Já Ritinha é a mais brava de todas, gosta de bater em todos os meninos que a perturbam. Ela é a que tem a pele mais clara. No entanto, existe algo em comum que as une, o cabelo delas: “[g]ente é muito igual, bem parecido mesmo: é assim bem bem bem bem enroladinho, cheio de molinhas tão pequenininhas que de longe a gente nem vê” (PINTO, 2012, p. 11).

Mesmo o cabelo sendo tão parecido, cada uma delas arruma seu cabelo de um jeito. Bia tem o cabelo vermelho, “comprido até o ombro e anda sempre amarrado bem presinho pra trás” (PINTO, 2012, p. 12). Tatá já tem cabelos curtos e sempre usa uma tiara para enfeitar. Já a Ritinha tem cabelos claros e “tem trancinhas assim caídas pra baixo até o ombro” (PINTO, 2012, p. 12). Enquanto Tatá não deixa de brincar no recreio mesmo que isso possa lhe bagunçar o cabelo, Bia, pelo contrário, passa o recreio todo no banheiro a “molhar o cabelo e botar creminho. Diz que é pra hidratar...” (PINTO, 2012, p. 12). Vemos aqui que uma delas, apesar de não podermos dizer que

não gosta do cabelo como a Lelê, da obra analisada acima, encontra dificuldades para brincar com as demais colegas, temendo bagunçar os cachos, preferindo passar o tempo todo do recreio molhando o cabelo e passando cremes. Essa atitude demonstra a importância que ela dá ao cabelo bem arrumadinho, sem um fio fora do lugar.

A amizade entre as meninas nasce exatamente por conta dos cabelos. Um fato lamentável acontece no primeiro dia de aula, quando Tatá, aluna nova naquela classe, ao se apresentar para os colegas, se torna motivo de chacota por ter cabelos crespos. Um colega maldoso se aproveita que a professora não está olhando e a insulta: “[m]ais uma de cabelo ruim na nossa classe!” (PINTO, 2012, p. 13).

A professora esbraveja, ameaça colocar de castigo quem havia cometido tal ato, mas por não saber quem falou, deixa de lado e continua a aula. Atitudes como a da professora das meninas é semelhante à dos professores que aparecem nas pesquisas realizadas por Maria Lucia Rodrigues Muller *et al* (2009). As autoras observaram que muitos professores não enxergam quando seus alunos negros são insultados ou sofrem agressões físicas por parte dos alunos de pele mais clara. Geralmente, conforme nos dizem essas pesquisadoras, o responsável não sofre punição e joga a culpa na vítima. Outras vezes, ainda segundo Muller *et al*, os professores consideram que se trata de “brincadeira de criança” e ignoram o acontecido.

A menina da narrativa de Pinto, envergonhada, chora quietinha. Era sempre assim onde quer que ela estivesse. Na rua perto de sua casa, os meninos sempre implicavam com ela, chamando-a de “cabelo de Bombril”, “Pixaim”, o que sempre a levava às lágrimas. Ela não entendia o motivo de ser tratada assim. Para Gomes (2002), essas representações construídas sobre o cabelo do negro advêm de uma sociedade racista, o que influencia o comportamento individual. De acordo com ela, “existem espaços sociais em nossa sociedade em que o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo. Um deles é a escola” (GOMES, 2002, p. 44).



Ainda conforme Gomes (2002), os apelidos recebidos na escola marcam para sempre a vida dessas crianças negras. Cavalleiro (2007) confirma que, para a criança negra que é exposta diariamente a esse tipo de violência, se torna difícil construir uma identidade positiva. Muller *et al* (2009) confirmam que, quando as crianças negras passam por essas situações dolorosas, muitas vezes ocorrem abandonos ou troca de escola, com o fim de evitar o contato com aqueles que lhes agrediram.

No caso das personagens da obra de Pinto (2012), esse fato ocorrido fez com que elas se aproximassem. Ritinha queria resolver batendo no menino, mas foi interrompida: “[n]ão adianta”, falou a Tatá, de repente [...]. Bater não adianta. O problema tá aqui dentro”, completou ela, apontando a cabeça...” (PINTO, 2012, p. 17). As meninas passaram a ser amigas e juntas vão subverter toda a situação. No entanto, como a própria narradora-contadora de história nos diz, não foi um processo fácil. A princípio, todas concordaram que não gostavam de seus cabelos. A Ritinha sonhava em ter o cabelo liso como o de sua colega da sala, a Bárbara, que era branca, de olhos azuis e tinha cabelos loiros e compridos. Essa rejeição do cabelo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa autoestima, como afirma Gomes (2002), no entanto, mudar o cabelo pode significar uma tentativa do negro de sair do lugar de inferioridade.

As três meninas de Pinto (2012), por exemplo, após inúmeras conversas, decidem que vão mudar seus cabelos. No entanto, essa mudança não significa alisá-los, mas fazer inúmeros penteados, ora soltos, ora trançados. A brincadeira preferida das meninas passa a ser justamente fazer penteados. Da mesma forma que a amizade delas cresceu, elas também cresceram em conhecimento. Passaram a questionar inúmeras coisas. Bia, por exemplo, percebeu que não tinha bonecas negras, que no mercado de brinquedos infantis não havia opções de bonecas negras. Ritinha quase não encontrou pessoas negras atuando na televisão, seja nas novelas, seja nos comerciais, e Tatá, ao procurar no dicionário o significado da palavra crespo, decidiu que dali em diante seu cabelo não mais seria chamado de ruim e sim de crespo.

Notamos que a autora dá às suas personagens alternativas para resistir à crueldade dos estereótipos e do preconceito. Tais saídas acontecem por meio da união entre as meninas (o que reforça a importância da coletividade na luta contra o racismo) e ainda através do poder da informação, uma vez que, como vimos, aprender sobre o real significado de algumas palavras (ruim/crespo) fez toda a diferença para a personagem. Assim, a conscientização de sua própria condição e da maneira pela qual a ideia de raça foi construída sócio-historicamente é de suma importância para que haja um empoderamento das meninas negras desde a infância.

Um dia, Bia resolveu soltar o cabelo. Mas ao chegar à escola, ouviu alguns colegas rindo dela. A professora, no entanto, a elogiou e um colega gritou: “[d]evia deixar esse cabelo ruim preso, isso sim!” (PINTO, 2012, p. 34). Mas ela, empoderada e com o apoio de Ritinha e Tatá, respondeu ao insultante: “Meu cabelo não é ruim, nem bom. Só é diferente...” (PINTO, 2012, p. 34). Nesse momento, todos começaram a rir do colega. A professora mandou que ele fosse para a diretoria e disse a todos que era preciso aceitar as diferenças: “[c]ada um é diferente e bonito do seu jeito. Nós temos em nossa sala três meninas negras que são lindas e que merecem respeito, assim como todos os coleguinhas” (PINTO, 2012, p. 35).

Após esse evento, elas passaram a ir para a escola, com vários penteados diferentes. Não tinham mais vergonha do cabelo. Os colegas ainda riam delas, mas o que importava agora é que elas não ligavam mais para isso: “[o] que mudou foi uma coisa dentro das meninas. Sei lá...Um negócio bom mesmo foi nascendo por dentro do sentimento delas...” (PINTO, 2012, p. 37). Um sentimento sem explicação.

A última obra que trazemos é *Betina* (2009) de Nilma Lino Gomes. Nela, o leitor conhece a história da menina alegre que aprende com a avó a arte de trançar cabelos. Como as demais meninas que trouxemos em obras anteriores, ela também é negra e possui cabelos crespos, os quais estão sempre com algum tipo diferente de penteado feito por sua avó.



Por mais que Betina ame ficar perto da avó e trocar o penteado, pois esse é um dos momentos incríveis em que ambas podem ficar juntinhas, todas as vezes, ela reclama um pouco de dor, retratando certa dificuldade para pentear os cabelos. Mesmo que a avó seja muito delicada, que separe os cabelos pouco a pouco e use um pente de madeira com dentes grossos, a menina ainda reclama. Mas, na fala de Betina, percebemos que, mesmo sendo difícil pentear os cabelos, é algo que vale a pena: “[a]inda bem que, depois do penteado pronto, eu me sinto bem!” (GOMES, 2009, p. 6).

O dia em que a menina troca o penteado é retratado nessa narrativa como um dia especial: “[a] avó tirava as tranças ou o coque antigos, lavava o cabelo da neta, passava creme para desembaraçar, desembaraçava, lavava de novo e secava com a toalha” (GOMES, 2009, p. 6). O ritual continua com a criança sentada no chão em cima de uma almofada e a avó, em um banquinho, bem próxima de Betina. A senhora “jogava uma toalha sobre os ombros da menina, dividia o cabelo em mechas e ia desembaraçando, penteando e trançando uma a uma, com uma rapidez incrível” (GOMES, 2009, p. 6).

Durante o processo de pentear os cabelos, ambas conversavam muito, riam e contavam histórias. “no final, o resultado era um conjunto de tranças tão artisticamente realizadas que mais parecia uma renda” (GOMES, 2009 p. 6). Todas as pessoas que conhecem Betina elogiam-na e ela orgulhosa responde: “[f]oi a minha avó quem fez” (GOMES, 2009 p. 10).

Mas nem todos achavam as tranças bonitas, “havia quem não gostasse das tranças de Betina. Menino e menina que torciam o nariz e puxavam as tranças da garota quando ela estava distraída” (GOMES, 2009 p. 6). No entanto, diferente de Tatá, uma das meninas do livro de Pinto (2012) que a princípio chorava, envergonhada, ou mesmo de Lelê, que não gostava de seu cabelo, Betina era uma menina empoderada, que desde cedo aprendera com a mãe e a avó a gostar de si mesma e não deixava passar nada: “[...] tá com inveja, é? Se quiser, peço a minha avó para fazer trancinha no seu cabelo também” (GOMES, 2009, p. 6).

Entretanto, como a história de Betina não é um conto tradicional, com o final “felizes para sempre”, chega o dia em que a avó sente que não permanecerá nesse plano por mais tempo e diz a menina que está perto o momento em que se encontrará com os ancestrais. A explicação da senhora sobre quem seriam essas pessoas leva a menina a aprender sobre seus antepassados:

São pessoas que nasceram bem antes de nós e já morreram. Algumas nasceram aqui mesmo, no Brasil, e outras viviam numa terra bem longe, chamada África. Elas nos deixaram ensinamentos e muita história de luta. A força e a coragem dessas pessoas continuam até hoje em nossas vidas e na história de cada um de nós (GOMES, 2009, p. 14).

Podemos perceber que, de forma lúdica e não óbvia, a mesma utilizada por Belém para trazer a história de Lelê, Gomes também é sutil ao trazer a história dos ancestrais africanos através da narrativa de Betina. O que Lelê e as meninas de Pinto aprendem através dos livros, Betina e a Menina Bonita aprendem através da oralidade, de pessoas mais velhas que vão lhe passar o conhecimento. E como presente, a avó se dispõe a lhe ensinar a fazer tranças, mas lhe impõe uma condição, “a de trançar o cabelo de toda a gente, ajudando cada pessoa que chegar até você a se sentir bem, gostar mais de si, sentir-se feliz de ser como é, com seu cabelo e a sua aparência” (GOMES, 2009, p. 16).

Betina acredita a princípio que não dará conta da missão dada, mas é persuadida pela mais velha: “É claro que consegue! E onde está esta força que eu vejo nestes olhos cor de jabuticaba? E essa coragem que vejo pulsar neste coração?” (GOMES, 2009 p. 16). Ela se torna então uma cabeleireira de sucesso. Monta seu próprio salão. Mas diferente de muitos salões que existem, em que a primeira pergunta que se faz a uma pessoa de cabelos cacheados ou crespos é se ela vai alisar o cabelo ou fazer escova, o salão dessa protagonista era diferente, pois “era um dos poucos da cidade que sabia pentear e trançar com muito charme e beleza os cabelos crespos” (GOMES, 2009 p. 18).

Precisou contratar várias pessoas para ajudá-la e também teve que ensinar sua arte para muitos outros profissionais, pois ela sozinha não conseguia atender a todos os clientes.

Seu trabalho ficou tão conhecido na cidade que foi convidada a falar sobre a arte de trançar cabelos a crianças de uma escola municipal. Lá, ela relembra que “a arte das tranças foi ensinada de mãe para filha, de tia para sobrinha, de avó para neta e assim por diante. Uma mulher foi ensinando para outra até chegar até a mim” (GOMES, 2009, p. 22). Ela ainda informa para meninos e meninas que muitos ensinamentos foram passados assim, de forma oral, de geração em geração: “é uma forma muito comum de ensinar e aprender presente nas histórias de muitas famílias brasileiras [...], muito do que sabemos hoje tem sido comunicado dessa maneira” (GOMES, 2009, p. 22).

No final da narrativa, Gomes deixa bem clara a necessidade de se contar histórias de superação para as crianças, histórias que lhes resgatem a autoestima. Entretanto, é a fala de uma menina negra, que ouve a palestra de Betina, agora adulta, que nos leva a acreditar nisso: “Então, a gente tem muita história para aprender e para contar. Fale mais, Betina!!!” (GOMES, 2009, p. 22).

Em sua história pessoal, Gomes, não diferente de Betina, a personagem que criou para essa narrativa, afirma que foi com a mãe que aprendeu a gostar de ler e contar histórias. No entanto, somente quando se torna professora é que descobre que “contar histórias é uma prática ancestral. Uma forma de falar de si, cultivar a memória dos antepassados e educar as novas gerações” (GOMES, 2009, s/n).

Finalmente, retomamos a importância da fala de Adichie, o quanto é importante que a criança tenha acesso a várias histórias, inclusive aquelas que lhes representam. Adichie muda sua concepção quando percebe que meninas como ela, com “a pele da cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos-de-cavalo, também podiam existir na literatura” (ADICHIE, 2009, s/n tradução nossa). Um pouco diferente da escritora nigeriana, o ator brasileiro Lázaro Ramos, em sua infância, queria ser um dos apresentadores do Programa Balão Mágico, que era exibido pela TV Globo, na década de 1980: “Eu queria ser o Jairzinho. Queria usar aquele macacão vermelho, ter

aquele olhar de criança vivida e pegar carona na cauda do cometa com a turma que eu achava a mais legal do mundo” (RAMOS, 2017, p. 33).

Para Ramos (2017), durante a infância, toda criança elege para si um herói, um ídolo. Alguém que o represente. Ele explica que o motivo desse seu desejo talvez fosse o fato de se identificar mais com o apresentador e cantor, pois naquela época, Jairzinho era um dos poucos meninos negros na televisão, portanto, mais próximo dele. O depoimento de Ramos só reforça o que pensamos: a identidade da criança é construída através das referências que lhe forem apresentadas. Portanto, se a criança negra não se vê representada ou se sua realidade é retratada apenas através de estereótipos, ela não desenvolverá uma imagem positiva de si mesma. No caso das obras escolhidas para este texto, reafirmamos se tratar de quatro exemplos de narrativas que trazem personagens empoderadas e que podem ser trabalhadas pelo professor em sala de aula.

### Considerações finais

Durante muito tempo, o universo das obras literárias infantis foi permeado por personagens com características físicas europeias e, quando o negro era representado nessas histórias, era normalmente de forma estereotipada. Mas, como vimos no início desta pesquisa, houve uma mudança na representação das personagens negras. Logo após a promulgação da Lei 10.639/03, as editoras, para se adequar às exigências, lançam no mercado uma variedade de obras que tematizam e problematizam as questões étnico-raciais, trazendo em seu bojo, o negro como protagonista, além de recontos de histórias africanas.

Aqui, apresentamos quatro obras de meninas empoderadas. Em *Menina bonita do laço de fita*, percebemos que a personagem não tem problema em ser negra, ela não sofre nenhum tipo de preconceito. Nota-se que a garota não tem problema de aceitação nem de sua cor e nem de seu cabelo.

Lelê, aparentemente não sofre nenhum tipo de racismo, mas a própria garota não gosta de sua imagem. O que nos faz pensar que o fato de não estar explícito no texto

não significa que a menina não tenha passado por alguma situação de racismo. Existe um descontentamento, uma busca por conhecimento, que culmina na descoberta da história africana. Lelê compreende que seus cabelos crespos fazem parte de sua herança ancestral, como afro-brasileira, o que nos faz pensar que o conflito vivenciado pela personagem pode ser também o conflito vivido por muitas crianças, que só conhecem a história do negro contada pelo viés do colonizador, mas que precisam urgentemente apreender que existe uma outra história por trás da história oficial. E cabe a nós, professores, “refazer esta história, desconstruir o preconceito e, quem sabe, ajudar a construir outro projeto de nação que inclua a todos os seus filhos, com iguais direitos, independentemente de cor ou raça ou de procedência étnica” (MULLER, 2009, p. 12).

Já na obra de Pinto, *Cabelo ruim?*, as meninas não se aceitavam e ainda sofriam com as piadas dos colegas. A mudança não veio a partir dos meninos que praticavam as agressões verbais, mas das próprias meninas que compartilharam seus medos, seus anseios e chegaram a uma aceitação de si e de seus cabelos. Infelizmente, parece que ainda vai demorar um pouco para que não vejamos mais atitudes como essas praticadas pelo colega de sala das três meninas. Nós, como professoras que atendem crianças pequenas, entendemos que essa obra é importante e deve ser trabalhada na sala com o objetivo de travar diálogo com os alunos, brancos e não-brancos sobre essas questões levantadas por Pinto (2012).

Betina, por sua vez, é a mais empoderada de todas, desde o início. Talvez pelo fato de estar cercada por mulheres fortes e conscientes, ela não enfrenta dificuldades de autoestima, o que não faz com que em alguns momentos tenha que enfrentar o preconceito por parte de alguns colegas que achem seus cabelos feios, mas nada que ela não resolva de forma enérgica. Ela, bem como as demais personagens, são exemplos dessa força ancestral que através dos penteados afros expressam a beleza negra.

#### **4. Referências bibliográficas**

ADICHE, C. N. The danger of a single story. *Youtube* (2009) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>>. Acesso em: 3 ago. 2017.

BELÉM, V. *O cabelo de Lelé*. 2. ed. São Paulo: IBEP, 2012.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CAVALLEIRO, E. dos S. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2007.

DEBUS, E. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Cortez; Centro da Ciência e Educação, 2017.

DUARTE, E. de A. *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

GOMES, N. L. *Betina*. Ilustrado por Denise Nascimento. Belo Horizonte: Maza Edições, 2009.

\_\_\_\_\_. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? In: *Revista Brasileira de Educação - Set/Out/Nov/Dez 2002*, nº 21.

\_\_\_\_\_. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. Disponível em: <https://www.anpae.org.br/iberolusobrasileiro2010/cdrom/94.pdf> >. Acesso em: 19 jan. 2018.

MACHADO, A. M. *Menina bonita do laço de fita*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 1996 [2015].

MULLER, M. L. R.... [et al.]. *Educação e diferenças: os desafios da Lei 10.639/03*. Cuiabá: EdUFMT, 2009.

PINTO, N. B. *Cabelo Ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar*. Ilustrações Nara Silver. 4ªed. Cuiabá: TantaTinta Editora, 2012.

RAMOS, L. *Na minha pele*. 4ª.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

ZILBERMAN, R.& SILVA, E. T. da. *Literatura e pedagogia: ponto e contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.